CONGRESSO BRASILEIRO DE ALFABETIZAÇÃO
ISSN 2763-8588

OS SENTIMENTOS VIVENCIADOS POR FAMÍLIAS DE ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL DO MUNICÍPIO DE RIO GRANDE SOBRE O ENSINO REMOTO EMERGENCIAL

Juliana Silva Cabrera[1]

Caroline Braga Michel[2]

Eixo temático 10: Alfabetização e pandemia: desafios, aprendizados e perspectivas

Resumo: Este trabalho tem como objetivo evidenciar os sentimentos vivenciados pelas famílias de alunos que frequentavam os anos iniciais do Ensino Fundamental, no munícipio de Rio Grande, no período do ERE (2020 até 2022). Trata-se de uma pesquisa qualitativa que utiliza a técnica de grupo focal para a coleta e produção de dados. Ao todo, participaram da pesquisa oito mães. As narrativas trazidas indicam que as mudanças provocadas pelo isolamento social e obrigatoriedade do ensino remoto emergencial promoveram uma sobrecarga de trabalho para as famílias; assim como sentimentos de medo, angustia e insegurança.

Palavras-chaves: Ensino Remoto Emergencial; Família; Rotina; Sentimentos

Introdução

No ano de 2020 o mundo vivenciou a pandemia da Covid-19, doença que é altamente contagiosa e causa danos respiratórios graves. Tendo em vista que o coronavírus se espalhou rapidamente por todos os continentes, em janeiro de 2020, a Organização Mundial de Saúde (OMS) declarou uma situação de Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional (ESPII).

No Brasil, tal situação foi decretada no Diário Oficial da União por meio da portaria n°188, de 03 de fevereiro de 2020, que declarou a Emergência em Saúde Pública de Importância Nacional, em decorrência da Infecção Humana pelo novo Coronavírus. Dessa

[1]Pedagoga. Especialista em Alfabetização e Letramento. Mestranda no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Contato: juliannasilva.cabrera@gmail.com
[2] Doutorado em Educação. Professora do Instituto de Educação da Universidade Federal do Rio Grande. Contato: caroli_brga@yahoo.com.br

forma, seguindo as orientações da OMS e buscando evitar a disseminação da Covid-19, em março de 2020 foi decretada a necessidade de distanciamento social.

Em decorrência disso, no estado do Rio Grande do Sul (RS), assim como em todas as demais regiões do país, as aulas presenciais foram suspensas. Diante deste cenário, seguindo as orientações e normatização do Ministério da Educação (MEC) foi implementado o ensino remoto emergencial (ERE)[3]. Isto posto, professores e estudantes transitaram do ensino presencial para o ensino remoto a fim de assegurar a continuidade das atividades escolares, ainda que as práticas escolares tenham sido transformadas e adaptadas.

O ERE apresentou significativos desafios, entre eles, a necessidade de acompanhamento contínuo do processo de aprendizagem pelos familiares. Assim como os professores e alunos, eles também tiveram que se adaptar e aquedar suas rotinas, bem como assumir um novo papel, a saber, auxiliar a mediar o processo de aprendizagem das crianças nesta nova maneira de ensinar e aprender.

Nesse ínterim, destaca-se que o objetivo do presente trabalho é evidenciar os sentimentos vivenciados pelas famílias de alunos que frequentavam os anos iniciais do Ensino Fundamental, no munícipio de Rio Grande, no período do ERE (2020 até 2022)[4]. Assim, por meio das narrativas buscou-se identificar os desafios e as dificuldades enfrentadas, as mudanças na rotina frente ao novo contexto, os sentimentos vivenciados pelas famílias enquanto mediadoras no processo de aprendizagem de seus filhos no ERE.

Esta investigação utiliza a técnica de Grupo Focal, que permite a discussão de um determinado tema comum a todos, compartilhando vivências e experiências a fim de compreender práticas cotidianas, ações e reações a fatos e eventos (GATTI, 2012).

Diante do exposto, destaca-se que este trabalho está organizado em duas seções. Na primeira são apresentadas as contribuições teórico-metodológicas para esta escrita considerando o objetivo proposto. Na segunda seção, são expostas as narrativas de um grupo de mães, participantes da pesquisa, que auxiliaram na mediação da aprendizagem de seus filhos frente ao ERE.

2 Fundamentação teórico-metodológica

Nas primeiras semanas do ano letivo de 2020, como já mencionado, fomos surpreendidos pela pandemia da Covid-19. No que tange à educação no estado do Rio Grande do Sul, ainda no início de março de 2020 tanto a Educação Básica como o Ensino

[3] O Ensino Remoto Emergencial se caracteriza pelo "distanciamento geográfico". Disponível em: https://www.ufrgs.br/coronavirus/base/artigo-o-ensino-remoto-emergencial-e-a-educacao-a-distancia/. Acesso em: 01 jun. 2023.
[4] Essa é uma pesquisa em andamento que vem sendo desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Educação da FURG.

Superior tiveram as aulas suspensas mediante o Decreto Estadual nº 55.118, de 16 de março de 2020.

Desta forma, o ERE foi constituído como uma alternativa para a continuidade dos processos de aprendizagem. Esse contexto foi marcado por mudanças e desafios nos processos educativos, uma vez que as aulas foram suspensas e as salas de aulas foram substituídas pelas residências dos estudantes, promovendo mudanças não apenas nos tempos e espaços da aprendizagem, mas também nas rotinas e vivências das famílias.

Frente a isso o ensino e as dinâmicas foram modificadas e as famílias tornaram-se as responsáveis por auxiliar na mediação do processo de aprendizagem dos seus filhos e filhas. Assim, essas famílias se viram obrigadas a adaptar suas rotinas e vivências frente aos limites e possibilidades que esse novo contexto exigia.

Conforme excerto a seguir, foi indicado que:

> [...] no período de emergência, as redes de ensino e escolas orientem as famílias com roteiros práticos e estruturados para acompanharem a resolução de atividades pelas crianças. No entanto, as soluções propostas pelas redes não devem pressupor que os "mediadores familiares" substituam a atividade profissional do professor. As atividades não presenciais propostas devem delimitar o papel dos adultos que convivem com os alunos em casa e orientá-los a organizar uma rotina diária (BRASIL, 2020, p. 13).

Sendo assim, as famílias ficaram responsáveis pelo auxílio na realização das atividades dos alunos em casa, especialmente se tratando das crianças menores. Cabe ressaltar, todavia, que elas não têm formação adequada para mediar o processo de aprendizagem, mas tendo em vista a ausência física dos professores, durante o ERE eles assumiram o papel de mediar as propostas enviadas pela escola.

Diante do exposto, o objeto de estudo deste trabalho, sentimentos vivenciados pelas famílias de alunos que frequentavam os anos iniciais do Ensino Fundamental, no munícipio de Rio Grande, no período do ERE, contempla um conjunto de emoções, pensamentos e comportamentos experienciados a partir das mudanças impostas pelo distanciamento social e com a obrigatoriedade do ensino remoto. Assim sendo, esse trabalho se baseou nas contribuições de Dias e Smolka (2021), Grossi et al (2020), Neves (2022), entre outros.

Essas pesquisas têm evidenciado a perspectiva das famílias acerca do ensino remoto. Dias e Smolka (2021), por exemplo, discutem que a vivência da pandemia gerou novas percepções e dinâmicas às famílias, por um lado, abrindo novas possibilidades de interação e aproximação entre adultos e crianças; por outro, demandando aos familiares distintas formas de atuação. Sobre isso, Grossi et al (2020) destacam o quanto os familiares, assim como os professores e as crianças também se sobrecarregaram neste momento, uma vez que para ajudar seus filhos a realizar as atividades, as mães

especialmente, também tinham que manter toda a rotina da casa e o trabalho formal, conciliando, assim, as tarefas domésticas com o trabalho formal ou o ensino remoto.

Neves (2022) que aborda um estudo sobre percepção e impressões de famílias sobre a vivência de seus filhos diante o ERE.

Desta forma, as discussões construídas no presente trabalho partem dos referenciais teóricos apresentados, que corroboram a importância de se evidenciar a perspectiva das famílias acerca do ensino remoto, sujeitos estes que desempenharam o papel de auxiliar na mediação da aprendizagem dos seus filhos.

Desta forma, considerando o objetivo proposto foram constituídos grupos focais com os familiares de alunos matriculados nos anos iniciais do Ensino Fundamental de escolas públicas e privadas do munícipio de Rio Grande, nos anos de 2020 e 2022, pois os grupos focais permitem que todos os envolvidos sejam sujeitos ativos na discussão de um determinado tema. Embora o convite tenha sido realizado às famílias dos estudantes, somente as mães se dispuseram a participar. Assim, integram o grupo focal o total de oito mães, sendo que estes foram realizados via Google Meet facilitando a participação de todos os envolvidos na pesquisa. Os grupos de mães foi dividido conforme a especificidade comum entre eles: mães de alunos do ensino público e mães de alunos do ensino privado. Cada grupo era composto por quatro mães, além de duas professoras coordenadoras e duas bolsistas de iniciação científica.

Ao todo, foram realizados 5 encontros com duração de 1h cada. Sendo três deles encontros no período de novembro de 2021 a maio de 2022, com os familiares dos alunos das escolas privadas, e dois entre novembro e dezembro de 2021, com os familiares dos alunos das escolas públicas. Em cada encontro, os familiares puderam narrar suas experiências, frustrações, inquietudes, sentimentos e medos vivenciados durante o ERE, as quais foram transcritas, posteriormente, para análise.

Os encontros abordaram as mesmas questões norteadoras para ambos os grupos. O primeiro encontro abordou questões ligadas a rotina escolar diante do contexto da pandemia, no segundo encontro aspectos relacionados à aprendizagem e escola. Um terceiro encontro ocorreu somente com as mães do grupo de alunos que pertencem ao ensino privado e neste encontro o tema principal foi o retorno às atividades escolares de modo presencial e híbrido. Relatos estes que passam a ser discutidos na próxima seção.

4 As vivências das famílias em tempos de distanciamento social

A partir das discussões levantadas nos grupos focais com as mães observaram-se os múltiplos impactos do ensino remoto nas rotinas das famílias. A nova dinâmica imposta

transferiu o processo de ensino para o ambiente familiar promovendo muitas mudanças, entre elas "[...] a necessidade de manter uma rotina de estudo, de sustentar o interesse da criança pelas atividades escolares, de engajá-la e envolvê-la no trabalho antes desenvolvido na/pela/com a escola, esbarra em uma série de limites para sua concretização" (DIAS; SMOLKA, 2021, p. 11).

A necessidade de uma mediação constante da família no processo de aprendizagem da criança exigiu uma reorganização da rotina e de reserva de momentos para acompanhar especificamente a realização das atividades e o desenvolvimento da criança. Tal situação pode ser evidenciada na fala de uma mãe identificada como M1:

> Eles estavam no segundo ano e foi aumentando… foram fazendo 1h por dia de atividades síncronas de videoaulas, só que ficava muito trabalho pra casa. Então, ficava uma… às vezes a gente fazia vários slides, várias atividades dos livros pra fazer em casa com eles e aí naquela uma horinha que eles tinham era aquele momento que a professora fazia uma… um resumão daquelas atividades. Então todos os dias a gente tinha que ter um horário para estudar com eles, só que, às vezes, [...] a hora de estudar com eles era perto das onze, meia noite… porque era o único momento que a gente tinha conseguido parar as atividades do trabalho e poder sentar com eles, o que não é bom para a criança, né?! (M1,19 de nov. de 2021).

Observava-se no relato desta mãe o quanto o ensino remoto alterou as rotinas da família. A demanda de atividades que deveria ser mediada, mesmo com o atendimento remoto da professora, ainda exigia a reserva de tempo para acompanhar as atividades de seu filho em casa. Dentre as questões elucidadas pela M1 destaca-se a sobrecarga de tarefas que se acumulavam em virtude dos papéis que assumira: cuidar da casa, profissional, e mãe. Todavia, essa fala é reforçada e corroborada por outras mães que integraram o grupo focal. Nessa perspectiva, Dias e Smolka (2021, p.12) enfatizam que a realidade vivenciada por muitas mães nesse momento foi "A jornada de trabalho intensa e extensa, somada à sobrecarga com os cuidados domésticos e dos filhos, a possibilidade de se ter ou não uma pessoa disponível/preparada para fazer a mediação do conteúdo escolar [...]".

No que tange aos sentimentos identificados, as narrativas elucidam uma pluralidade de sentimentos Deste modo, destaca-se a colaboração de M2 ao relatar:

> Então assim, a gente viveu esse caos e mais esse conflito durante muito tempo assim… e aquela coisa né?! Cuidar da casa, cuidar do filho, cuidar da tarefa do filho, trabalhar ao mesmo tempo e com medo, sem poder passar esse medo pra eles, mas desesperada com medo que acontecesse qualquer coisa a qualquer momento, a qualquer dia, né?! Fiquei um ano praticamente sem dormir com meu marido em função disso, porque eu tinha medo também, porque como eu estava isolada e ele não, então eu tinha medo que acontecesse alguma coisa. Então nós nos afastamos no momento em que a gente deveria estar mais juntos, né?! (M2, 19 de nov. de 2021)

Esse novo contexto impôs momentos difíceis a todos, inúmeros sentimentos atravessaram o dia a dia das famílias, como relatou a M2, dentre eles, especialmente, a preocupação de contaminação pelo coronavírus. Articuladas a essas emoções estavam a sobrecarga de tarefas, mencionada anteriormente, e o distanciamento dos familiares e dos amigos, a sensação de solidão. Segundo Moraes (2020), o confinamento nesta situação social de pandemia implicou em níveis elevados de estresse, comprometendo, em muitos casos, a saúde mental das pessoas. Preocupações essas também relatadas pelas mães na medida em que expunham, por exemplo, a preocupação com seus filhos, com seus comportamentos, a ponto de como relatou a M2, esconder o medo, o desespero e a insegurança.

Ainda sobre este aspecto, a M3 compartilhou ter vivenciado:

> [...] o medo de não poder ver a família; essa solidão querer tá perto e não pode. Mas aqui a cumplicidade e amizade acho que isso cresceu muito assim. Mesmo com muitas brigas porque meus filhos brigam a toda hora, mas assim esse cuidado até nisso foi bom. Foi meio que isso. Já tão brigando aqui, vocês ouviram. (M3, 29 de nov. de 2021).

Como observa-se o distanciamento da escola e da vida social promoveu uma pluralidade de sentimentos no dia a dia dessas famílias. Para além do medo, também identificaram o cuidado e a proteção uns com os outros, que parece ter se ampliado em tempos tão difíceis.

5 Considerações Parciais

O contexto vivido frente à pandemia da Covid-19 instituiu o ERE como uma possibilidade de dar continuidade aos processos de ensino e de aprendizagem. Todavia, isso transferiu os espaços de aprendizagem das salas de aulas para as residências dos estudantes, acarretando inúmeros desafios.

Com o distanciamento social, as famílias passaram a auxiliar de forma mais efetiva na mediação da aprendizagem dos seus filhos, o que trouxe implicações para as suas rotinas. Primeiramente, ao que parece, essa tarefa parece ter ficado a cargo das mães, as quais tiveram que somar atividades como cuidar da casa, dos filhos, do seu trabalho e, ainda, realizar as atividades enviadas pelas escolas. Nos casos em que as crianças tinham mais atividades, maior era o envolvimento. Logo, as famílias tiveram que encontrar, em suas rotinas, um tempo específico para realizar as atividades das escolas.

No que diz respeito aos sentimentos, constatou-se, a partir da perspectiva das mães que integraram a pesquisa, que o distanciamento social e a adoção do ERE provocaram,

por um lado, sentimentos de insegurança, de medo, de cansaço e de fragilidade entre as famílias. Por outro lado, a preocupação e o cuidado com o outro parecem, também, se ampliarem nesse contexto.

Referências

BRASIL. Parecer CNE/CP nº 9/2020, de 8 de junho de 2020. Reexame do Parecer CNE/CP nº 5/2020, que tratou da reorganização do Calendário Escolar e da possibilidade de cômputo de atividades não presenciais para fins de cumprimento da carga horária mínima anual, em razão da Pandemia da Covid-19. Diário Oficial da União, Brasília, 9 de julho de 2020b, Seção 1, p. 1. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias =1470 41-pcp009-20&category_slug=junho-2020-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 30 mar. 2023.

DIAS, Daniele Pampanini; SMOLKA, Ana Luiza Bustamante. **Das (im)possibilidades de se alfabetizar e investigar em condições de isolamento social**. Revista Brasileira de Alfabetização,[s.l.], n. 14. p. 228-244. 2021.

GATTI, Bernadette Angelina. **Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas**. Brasília: Liber livro, 2012.

GROSSI, Marcia Gorett Ribeiro; MINODA, Dalva de Souza; FONSECA, Renata Gadoni Porto. Impacto da Pandemia do Covid-19 na Educação: reflexos na vida das famílias. Teoria e Prática da Educação, Paraná, v. 23, n. 3, p. 150-170, dez. 2020. Disponível em: https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/TeorPratEduc/article/view/53672
Acesso em: 28 maio. 2023.

MORAES, Rodrigo Fracalossi. (2020). **Prevenindo conflitos sociais violentos em tempos de pandemia**: garantia da renda, manutenção da saúde mental e comunicação efetiva (Nota Técnica 27). Ipea: Diretoria de Estudos e Políticas do Estado, das Instituições e da Democracia. Recuperado de http://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/9836.

NEVES, Marília Zuchoski; MACHADO, Elisângela Ferreira. Percepções de um grupo de famílias de crianças Riograndinas sobre as vivências no ensino remoto: Impressões e primeiros apontamentos. 21ª Mostra da Produção Universitária – MPU. Rio Grande/RS, Brasil, 19 a 21 de outubro de 2022. ISSN: 2317-4420. Disponível em: https://mpu.furg.br/anais1. Acesso em: 28 maio. 2023.